

## **TRABALHO E EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE EMANCIPAÇÃO HUMANA**

*Daniel Markowicz*

### **RESUMO**

A abordagem presente neste artigo está diretamente ligada à transformação da natureza pelo homem, analisando o trabalho, com o objetivo de pensar alternativas de emancipação humana. O aporte teórico é a concepção marxista para pensar o movimento histórico da educação e sua contribuição na sociedade. Aponta para a possibilidade de ressignificar a educação por meio da compreensão do ensino como um lócus de trabalho e de exploração da mão-de-obra intelectual na reprodução das relações capitalistas de produção. Este é o problema a ser discutido em linhas gerais, para poder ultrapassar os limites da aparência na busca da essência da realidade e da emancipação humana, a partir das transformações advindas da presente (não ultrapassada) luta de classes no capitalismo atual.

Palavras Chaves: Educação; Emancipação; Trabalho.

## **INTRODUÇÃO**

O presente ensaio pretende analisar trabalho e educação escolar como possibilidade de pensar na emancipação humana, por meio da tomada de consciência crítica por parte da grande massa trabalhadora. Sabe-se que o mundo do trabalho passa pela maior transformação já vista na história da humanidade. Estas transformações aparecem devido ao grande avanço da ciência, em especial no campo das novas tecnologias que possibilitaram a unidade global do mundo.

Os frutos do trabalho humano para transformar a natureza para seu sustento constituem-se em uma atividade muito complexa, permeada por uma rede de articulações meticulosas da qual todos os seres humanos participam. Contudo, a riqueza gerada desta transformação não é distribuída igualmente entre os cidadãos do mundo. A maioria fica com as migalhas do modo de produção capitalista, enquanto uma minoria ostenta a riqueza acumulada à custa do suor dos trabalhadores e, justifica esta apropriação por se considerar a detentora da cultura evoluída e possuidora dos meios de produção.

Neste ensaio, busca-se analisar o trabalho na perspectiva de apresentar algumas possibilidades de compreensão da exploração da mão-de-obra da grande massa trabalhadora que, pelo trabalho gera a riqueza do mundo concentrada em algumas economias abastadas. Em síntese: apresentar a relação do trabalho e educação escolar como alternativas de mostrar a luta de classes presente no mundo e ao mesmo tempo tão questionada como inexistente pelo capitalismo como mais uma de suas facetas, para dizer que a luta não existe e que as oportunidades de emancipação humana não são desiguais. O problema deste estudo é apresentar argumentos que sustentem a existência da luta de classes e que a educação escolar tem papel importante na criação de possibilidades de emancipação com o objetivo de discorrer sobre argumentos de autores que embasam a exploração capitalista na sociedade atual.

### **MUDANÇAS NO TRABALHO/MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO**

No mundo hodierno educação e trabalho se apresentam como problemas fundamentais a serem elucidados principalmente se o objetivo buscar a compreensão do papel da educação e da escola na sociedade. Por isso é de fundamental importância pesquisar o funcionamento das relações de trabalho nas modernas fábricas capitalistas, por meio da dialética como método de investigação.

De acordo com Pinto (1979, p. 84), no momento em que as relações do homem com o mundo se diferenciam dos outros animais, adaptando o mundo a ele e não se adaptando ao mundo, este transforma a realidade exterior por meio do trabalho. O trabalho aparece “como o modo pelo qual o homem começa a produzir para si o mundo, os objetos e as condições de que precisa para existir”. É pelo trabalho que o homem produz o mundo e pode torna-lo mais humano, por meio da sua presença e organização da sociedade em que vive.

Pinto (1979, p. 85) ainda assevera sobre o homem produtor de sua própria realidade, enfatizando que:

Pelo trabalho o homem se torna um produzido pelo produzido por sua intervenção voluntária e progressivamente consciente daquilo que a natureza lhe oferece, deixando de ser um produzido puro para se tornar um produzido produtor do que o produz. Esta é a contradição dialética fundamental do processo de hominização. O homem passa a ser o criador das condições que o criam. Adquire capacidade de intervir na natureza por meio do trabalho. O homem se capacita e converte-se em produtor eficiente do mundo. Assim, o processo de hominização cujo ápice é a ciência depende do processo de produção da existência que o homem conduz mediante a prática do trabalho sobre a realidade física.

Então, qual é a origem do conhecimento? Por que apenas uma classe detém o saber elaborado? Isso nos ajuda a pensar a educação como um lócus por meio do qual é possível a emancipação humana e, ao mesmo tempo definir que educação é trabalho e, como tal está sujeito à exploração do capital. Os ditos mais “cultos” como aponta Pinto (1979) nos faz pensar na luta de classes e desta luta talvez a superação para além do capital apregoado neste modo de produção.

Nesta perspectiva Kuenzer (2002, p.11), em um período de três meses conviveu cotidianamente junto com os trabalhadores na chamada empresa X. Esta empresa figurava como uma das mais avançadas empresas capitalistas da época. Por isso, a indagação: de que maneira a fábrica capitalista educa o trabalhador?

A autora então responde com base em Marx e Engels que já apontavam na ideologia alemã e retomando em O capital: “o homem se educa, se faz homem, na produção e nas relações de produção, através de um processo contraditório em que estão sempre presentes e em confronto, momentos de educação e de deseducação, de qualificação e de desqualificação e, portanto, de humanização e de desumanização”.

Assim, da mesma forma em que o objetivo é a educação do trabalhador que vende a sua força de trabalho como mercadoria, também é submetido à dominação do capital.

Contudo, quando o trabalhador se torna esclarecido poderá de alguma forma enfrentar estas formas de disciplinamento e é forçado a rever os seus modos de ação e com isso se criam novas formas de dominação.

Porém pergunta-se: quem é esse trabalhador? Como ele está sendo educado? Por quem e para quê? O cenário onde estas respostas podem ser encontradas é no trabalho concreto no seu próprio movimento de acontecimentos, ou seja, no chão de fábrica capitalista.

Na atualidade o mundo do trabalho precisa apontar na direção da superação do capitalismo exploratório das forças de trabalho numa lógica de produção feudal como aponta Mészáros (2008) e pela educação que não deve ser tratada como é atualmente, como mercadoria. É preciso pensar criticamente a educação na perspectiva de uma alternativa para a liberdade pela emancipação humana. Segundo o autor a mudança na educação não pode se limitar à vontade do capitalismo e sim buscar o rompimento com a lógica do capital em uma perspectiva de transformação qualitativa.

A respeito da exploração da força de trabalho Marx (1985, p. 143) diz:

O limite último ou o limite mínimo do valor da força do trabalho é constituído pelo valor de uma massa de mercadorias, sem cujo suprimento diário o portador da força de trabalho, o homem, não pode renovar o seu processo de vida, sendo portanto o valor dos meios de subsistência fisicamente indispensáveis. Se o preço da força de trabalho baixa a esse mínimo, então ele cai abaixo do valor dela, pois assim ela só pode manter-se e desenvolver-se em forma atrofiada. Mas o valor de cada mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho requerido para fornecê-la com sua qualidade normal.

Assim Marx (apud Kuenzer, 2002) demonstra a exploração da massa trabalhadora a níveis de subsistência mínima, pois os trabalhadores sem possuir capital apenas têm sua própria força de trabalho para oferecer aos donos do capital. Nota-se aí a divisão de classes entre ricos e pobres em um sistema “feudal” que precisa ser superado como apontado por Marx na Contribuição à crítica da economia política.

No prefácio à pedagogia da fábrica Kuenzer (2002, p. 8) fala sobre o papel da escola e demonstra como não cair no idealismo a partir de Marx na terceira tese sobre Fuerbach observando que:

Indiscutivelmente, a escola tem um papel preponderante a desempenhar na viabilização do difícil salto do senso comum a consciência filosófica. Mas este trabalho não se encerra aí: é preciso discutir como exercer processos pedagógicos intencionalmente dirigidos à formação desta consciência nas demais instâncias superestruturais que desempenham esta função. Para tanto, é preciso aprofundar o conhecimento acerca de como hoje estas instâncias, particularmente os sindicatos e

as empresas estão trabalhando esta formação, no sentido oposto de seus próprios projetos; aprofundar a compreensão dos projetos pedagógicos embutidos nos novos paradigmas de gerência e nas novas formas de organização do trabalho; identificar espaços e metodologias adequados à educação do trabalhador no sentido do seu projeto hegemônico. Enfim é urgente avançar, para não mais se ouvir, em futuro próximo, a queixa angustiada dos poucos trabalhadores que, conscientes de sua situação de classe, lutam pelos direitos de uma categoria desmobilizada e desinformada, que continua achando que ter emprego, salário, benefícios, condições de trabalho é dádiva, e não conquista, é benesse, e não direito.

Entretanto Kuenzer retoma Marx para afugentar o idealismo e demonstra que:

Não é pela transformação das consciências que se transformam as circunstâncias. Pelo contrário, a transformação só ocorrerá quando houver coincidência entre a transformação das circunstâncias e a transformação das consciências. O capitalismo, empurrado pela força das suas próprias contradições, vem transformando as circunstâncias a favor de seu projeto hegemônico, e com isso, fazendo a seu modo a concepção do mundo dos trabalhadores (2002, p.8).

Dessa maneira, nota-se a necessidade do compromisso político, na busca de quebrar esta concepção de exploração ampliando as possibilidades de emancipação dos trabalhadores por meio da educação construindo um projeto de hegemonia dos trabalhadores.

Kuenzer (2002) a respeito do trabalho apresenta com base marxista as críticas feitas sobre a economia política burguesa bem como as suas derivações, onde, o trabalho é apresentado de forma fragmentada, heterogerido e responsável pela qualificação do trabalhador. Tomando-se como pressuposto que a produção capitalista é ao mesmo tempo produção e reprodução das “relações capitalistas de produção” se torna indispensável encontrar no próprio sistema produtivo a maneira de educação do trabalhador. Por isso, a história de formação do trabalhador na sociedade capitalista é a história de sua desqualificação. Nas obras dos economistas burgueses isto permanece encoberto apenas mostrando o discurso da qualificação como resultado do avanço do capitalismo. Kuenzer (2002, p. 32) citando Marx “remonta ao surgimento da produção capitalista como um modo peculiar de produção, caracterizado por determinadas relações de produção que trazem, como um dos resultados, a exploração do trabalho humano e a sua alienação”.

Daí resulta que o trabalho considerado essência do homem se transforma na prática em uma relação antagônica entre o operário e o capitalista. A alienação acontece no plano subjetivo no qual o homem não se reconhece em seus produtos e nem em sua atividade produtiva sendo também os demais homens desta relação concebidos como seres estranhos. Mas, a alienação tem determinado conteúdo objetivo que se caracteriza na pobreza material e espiritual contrastando com a riqueza, pois o trabalho alienado além de produzir mercadoria

produz também a força de trabalho como mercadoria e, dessa forma o produto do trabalho é apenas puro meio de subsistência. Portanto, pode-se dizer que o homem realiza um divórcio entre essência e existência nessa sociedade capitalista. A proposição é que a essência humana se defina pelo trabalho criador de maneira que o homem se reconheça nos produtos e na atividade humana bem como nas relações estabelecidas em sociedade. Contudo, isso seria a superação do capitalismo.

Porém, mesmo diante da alienação o homem está na práxis e na história, onde ambas permitem negar o trabalho alienado e conquistar o trabalho criador como o ponto de partida na busca de construir novas relações para um mundo mais humanizado.

Para Marx o trabalho assume a forma de mercadoria com duplo caráter: dispêndio de força humana de trabalho e dispêndio especial que produz valores de uso. Para o capital interessa o trabalho na forma de mercadoria produzida pelo trabalho social que é o conjunto dos trabalhos particulares. Estes trabalhos concretos atuam como partes do trabalho social pelas relações de trocas realizadas entre os produtos.

Na atualidade o trabalho sob a égide do capitalismo acompanha o movimento da totalidade concreta em uma velocidade jamais vista, é a chamada aldeia global. Ou seja, o mundo todo está interligado pela produção capitalista. E ainda, com o predomínio de uma exploração metódica e sistemática do trabalho e o avanço inescrupuloso sobre os direitos sociais e à coisa pública. Daí a necessidade de pensar o trabalho e a educação também como um trabalho que possibilita a emancipação humana.

## **O HOMEM E O TRABALHO**

Como atividade típica do homem o trabalho aparece como um fazer autopoietico<sup>1</sup>. Por isso, é muito importante as contribuições de Marx em O Capital no livro I quando apresenta o trabalho como categoria fundamental da ação humana no mundo, fundamento do ser social e base da relação do homem com a natureza. Em Marx e Lukács é o trabalho que engendra as potencialidades sócio-históricas de realização do homem. Marx nos mostra o sentido do trabalho em sua metáfora do arquiteto e a abelha,

---

<sup>1</sup> Ao se utilizar do termo autopoietico quer-se fazer referência a capacidade de autoprodução do ser humano.

Pois o arquiteto obtém um resultado que já desde o início, existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente. Ele não apenas efetiva uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural, seu objeto, que ele sabe que determina como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade. (MARX, 1983, p. 149).

O trabalho representa para Marx algo de sublime na medida em que se constitui uma relação dialética que toma o homem em sua totalidade. O homem se revela como ser criativo e dinâmico capaz de se lançar no mundo natural, transformando as coisas e o mundo a sua imagem e semelhança. Humanização do homem e da natureza. Nesta perspectiva o trabalho apresenta sua dupla dimensão:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, vida humana (...). Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera valor das mercadorias. Todo trabalho é por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob a forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil, produz valores de uso (Ibidem, p. 50).

O que se compreende em Marx é que o trabalho concreto, como algo que produz valores de uso, tem força de emancipação para o homem. No entanto, no capitalismo o trabalho se revela como uma frustração, prevalecendo um trabalho alienado, estranho ao trabalhador que aliena a sua força de trabalho vendendo-a para o capitalista, ou seja, para Tumolo (2008, p. 12)

(...) é o elemento determinante na constituição da própria natureza humana, no capitalismo, a construção do gênero humano, por intermédio do trabalho, dá-se pela sua destruição, sua emancipação efetiva-se pela degradação, sua liberdade ocorre pela sua escravidão, a produção de sua vida realiza-se pela produção de sua morte. Na forma social do capital, a construção do ser humano, por meio do trabalho, processa-se pela sua niilização, a afirmação de sua condição de sujeito realiza-se pela negação dessa mesma condição, sua hominização produz-se pela reificação. No limite, trata-se da constituição do fetiche do capital – o capital que se subjetiva ou se hominiza reificando as relações sociais e o ser social – ou da subsunção real da vida social ao capital.

Portanto trabalho e educação apresentam sensação de estranhamento, visto que o professor apesar de oferecer uma mão de obra eminentemente intelectual no contexto do regime de acumulação, estabelece também uma relação heterogênea no conjunto de suas atividades.

A centralização do planejamento, as relações de autoridade verticalizadas, e a submissão à organização burocrática e administrativa faz com o que trabalho do professor se caracterize como trabalho alienado e produtivo. Assim, o intelectual passa a ser tratado como uma mão-de-obra barata e que por sua vez auferia altos lucros ao capitalista ao preparar mão de obra barata, cujo principal objetivo é a manutenção das atuais formas de exploração capitalista que deram enormes desigualdades sociais. A escola financiada pelo capitalismo excludente se torna a fábrica de corpos dóceis para o mundo do trabalho na fábrica capitalista.

De acordo com MARX apud LESSA (2000, p. 35).

Considerando [...] a produção de mais-valia, a relação entre o professor e o capitalista é exatamente a mesma que se desdobra entre o capitalista e o proletário. As forças de trabalho do professor e do proletário são compradas pelos seus respectivos valores, o tempo de trabalho socialmente necessário para reproduzir cada uma delas. [...] Ambas as forças de trabalho, portanto, foram compradas pelo seu valor de uso específico: é a única mercadoria que, uma vez consumida, gera maior valor que o seu próprio. A forma de exploração (se não a intensidade da exploração) é exatamente a mesma: a extração da mais-valia. Os lucros do dono da 'fábrica de saber' e do dono da 'fábrica de salsichas' têm suas origens na mesma relação social, qual seja, a relação capital/trabalho produtivo. Tal como o proletário, portanto, o mestre-escola também produz mais-valia.

Em sua análise, Marx (1984, p. 40) explica que um mesmo trabalho com igual conteúdo pode ser produtivo e improdutivo. Tal concepção faz compreender que o atributo de produtivo ou improdutivo está ligado as relações sociais que esse trabalho estabelece e não necessariamente ao tipo ou categoria de trabalho. Ao que se pode concluir que no caso do professor trata-se de um trabalhador produtivo, pois as atividades que realiza contribuem direta e indiretamente para a geração da mais valia. Uma vez que o funcionamento de uma escola, para o capitalista dono do estabelecimento, os professores podem ser considerados meros assalariados. “Embora eles não sejam trabalhadores produtivos em relação aos alunos, assumem essa qualidade perante o capitalista.”.

Apesar de ser um trabalho de cunho intelectualizado, o trabalho do professor sofre objetivações do capital, não podendo ser visto como trabalho intelectual separado do trabalho manual. Torna-se importante a contribuição de Gramsci (2000, p. 52) afirmando que: “não há



atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o homo faber do homo sapiens”.

Considerando-se a produção e apropriação do saber como mediação na luta de classe, aparece um processo desigual de afirmação e de negação do saber ao trabalhador de acordo com os interesses do capitalismo. Pela contradição o capital exerce dominação e controla o saber e ainda, se utiliza do mesmo como força produtiva.

Contudo, na elaboração do conhecimento os homens são tomados na sua atividade real, não isolados e em seu próprio trabalho, e nesse processo o saber inexistente de forma autônoma ele se constitui em uma síntese das relações sociais criadas entre os homens na sua ação produtiva e em determinado momento histórico. Desse modo “O trabalho compreendido como todas as formas de atividade humana pelas quais o homem apreende, compreende e transforma as circunstâncias ao mesmo tempo em que se transforma é a categoria que se constitui no fundamento do processo de elaboração do conhecimento” (KUENZER, p. 183).

Portanto o conhecimento é produzido socialmente nas relações de trabalho não se pode negar a produção do conhecimento pelo operário. Trabalhando no dia a dia o operário também aprende a resolver problemas dentro do espaço da fábrica e com isso também adquire saber nascido na contradição gestada pela própria empresa capitalista. Este saber em sua concretude forma-se por um conjunto de explicações de ação que ajudam o operário no enfrentamento e controle do capital aprendendo a se organizar, reivindicar e lutar por seus direitos de cidadão. Assim, “é justamente por reconhecer que o operário elabora e detém um saber que, em certa medida, tem poder explicativo e transformador da realidade, e, portanto, tem caráter revolucionário, o que o capital precisa negar” (KUENZER, p. 184).

Do ponto de vista da classe dominante o saber produzido pelo trabalhador não tem o mesmo valor do saber teórico por resultar do trabalho prático e não intelectual. Contudo na perspectiva da hegemonia Gramsciana teoria e prática são inseparáveis e nisso reside a falsa justificação do capital ao reduzir o trabalho do operário apenas a trabalho manual. Contudo parar a análise aqui seria supor que o conhecimento do operário é o mesmo da burguesia e, de certa maneira o é, mas depende do ponto de vista, pois parece residir na função que cada classe ocupa no processo produtivo e nisso há uma desvantagem da classe dominada em relação à burguesia, por não ter o monopólio dos instrumentos teóricos metodológicos que favorecem a dominação. Então, existe o saber dominado em razão da exploração a que é

submetida a classe operária. É nesta contradição que existe a possibilidade da classe trabalhadora construir a ciência revolucionária e desafiar a dominação.

Entretanto, existe uma limitação no pensamento burguês por inviabilizar a dimensão da totalidade na fragmentação e autonomização das partes que se imobilizam e se sobrepõem ao real. Por isso, os dominados precisam superar a imediaticidade e captar a totalidade concreta e dinâmica como um momento do conjunto social em seu processo histórico. Assim, para a burguesia é inadmissível fazê-lo, porque seu método resulta do seu ser social e a imediaticidade aparece como limite intransponível. Já para os operários existem possibilidades e limites para a superação, compreendendo que esta pode se dar na experiência da atividade prática do trabalho. Logo, percebem-se limitações pertinentes às duas classes sociais: a burguesia não consegue superar a imediaticidade do empírico para alcançar a totalidade e o proletariado mesmo tendo a teoria e prática não alcançam a totalidade pela “expropriação do instrumental teórico-metodológico a que tem sido historicamente submetido” pois, para isso é necessário que o trabalhador se aproprie do saber socialmente elaborado (KUENZER, p. 188).

Outro limite do proletariado surge da venda da força de trabalho como um objeto e não como um sujeito histórico e produtor de saber, mas esse limite que transforma o trabalho dos homens em mercadoria pode favorecer o emergir da consciência revolucionária a partir da atividade produtiva. Contudo isto não acontece espontaneamente e é por meio do processo educativo, concreto e contraditório, presente de modo amplo nas relações sociais que pode viabilizar o processo de mudanças em especial o seu emergir pode ter como lócus o chão da escola com preponderância para a educação pública que abriga o maior número de trabalhadores.

Nesse sentido Kuenzer (2002, p. 189) aponta que:

Controlando o acesso ao saber e dificultando sua aquisição em outras instituições, a fábrica pretende formar e manter um corpo coletivo tecnicamente qualificado na medida exata das suas necessidades, e politicamente submisso e disciplinado. Esse controle é fundamental para a manutenção das relações de dominação, na medida em que a qualificação é um poder que o operário exerce em seu trabalho (Gorz, 1980, p. 155), e que pode trazer problemas ao patronato. Por outro lado, a desqualificação se reveste de conteúdo político na medida em que, pelo esvaziamento do conteúdo do trabalho e pela automatização, isola os operários e dificulta a sua organização (KUENZER, p. 189).

Na perspectiva de superar os limites acima citados os trabalhadores aspiram ao “saber teórico” cujo acesso se encontra na escola, aparecendo como a instituição a lhes oferecer o saber social negado na fábrica. Assim poderão compreender melhor o mundo que os rodeia e melhorar a sua condição de vida. Os trabalhadores concebem a escola como o lócus de democratização do saber. No entanto não parece ser esta, historicamente, a função da escola burguesa que exerce a função de reprodução por meio da exclusão e da baixa qualidade de ensino para os que vivem do trabalho. No entanto, a escola é importante para o trabalhador e seus filhos por ser a alternativa concreta de acesso ao saber teórico, porém ainda um saber burguês, mas é inegável que deste saber pode nascer um novo mais adequado à classe trabalhadora.

A proposta escolar precisa ultrapassar os limites para alcançar uma dimensão política capaz de levar o trabalhador à compreensão da história e dos limites de sua prática, mas ao mesmo tempo demonstrar a sua articulação com as relações de produção podendo transformá-las e ter acesso aos valores humanos que lhe são negados na exploração capitalista.

Portanto, é preciso superar a desqualificação que só interessa ao patronato e criar a alternativa fundamental que é a sua qualificação para o mundo do trabalho. Para o trabalhador o domínio do conteúdo do trabalho significa poder. Assim, criam-se espaços para a discussão, argumentação e reivindicação que em parte recuperam o domínio sobre a sua prática mesmo ainda estando alienado do produto de seu trabalho. Nesse sentido, mesmo numa ótica simplificada e fragmentada do trabalho, se o proletariado conhece o processo em sua totalidade, domina a máquina e os princípios de seu funcionamento o que lhe permite dirigir o trabalho e não ser dirigido pelo mesmo. O objetivo para a emancipação é o conhecimento do processo de trabalho em sua totalidade. Como este é muitas vezes negado na exploração da força de trabalho cabe à escola repensar a sua relação com o mundo do trabalho, realizando uma leitura da realidade concreta e por isso mesmo tome o trabalhador concreto na sua prática, no seu saber, nas suas experiências e necessidades. Assim “intelectuais e trabalhadores precisam reinventar, no fazer, a educação” (KUENZER, 2002, p. 197).

Desse modo, o trabalhador poderá ser capaz de ver a sociedade como uma totalidade histórica e concreta e, a partir de sua práxis poder transformá-la. Por isso, não basta ser preparado tecnicamente e sim se educar para ser governante, E isso implica o acesso a uma educação pública e de qualidade que vem sendo negada de diversas maneiras para o aluno trabalhador.

Na ótica de Kuenzer (2002, p. 199) é um imperativo:

Encontrar formas viáveis para enfrentar concretamente a questão da educação do trabalhador que é cidadão, aproveitando as contradições que o processo pedagógico capitalista apresenta e tentando romper com o seu círculo de dominação, é uma tarefa política da maior relevância, a ser assumida coletivamente pelos trabalhadores e pelos intelectuais comprometidos com seus interesses.

Portanto, este “novo fazer pedagógico” significa o resultado de um conjunto de lutas, reivindicações por meio da pressão exercida pelos trabalhadores em um processo lento e contínuo presente no interior das unidades produtivas e em cada escola pelo esforço de trabalhadores e intelectuais unidos para gerar um novo modo de produção que possa significar a liberdade das massas trabalhadoras.

Dessa maneira, as mudanças no modo de produção capitalista no mundo lançam também novas exigências sobre a formação do trabalhador. O capitalismo inaugura um novo padrão para a acumulação a partir da globalização da economia e da reestruturação produtiva, determinando novas formas de relação entre o Estado e a sociedade (KUENZER, 2002).

Assim, é possível compreender que as mudanças e exigências de maior qualificação do trabalhador acontecem apenas nos níveis mais elevados da produção não alcançando as camadas mais pobres dos trabalhadores que devido à fragmentação do trabalho com pouco treinamento e formação é suficiente para desempenharem suas funções. Daí decorre uma maior exploração da força de trabalho e com isso aumentam os lucros que é objetivo essencial do capitalismo.

Esta exploração também aponta na direção da desarticulação da organização dos trabalhadores, aparecendo a contradição entre o burguês capitalista e aqueles que vivem do trabalho. Nota-se que diferenciando as exigências de formação para os trabalhadores estes terão maiores dificuldades em se organizar para enfrentar, os desafios como classe trabalhadora, para amenizar a exploração.

Nessa ótica, Marx demonstra a exploração da massa trabalhadora a níveis de subsistência mínima, pois os trabalhadores sem possuir capital apenas têm sua própria força de trabalho para oferecer aos donos do capital. Nota-se aí a divisão de classes entre ricos e pobres em um sistema “feudal” que precisa ser superado como apontado por Marx na Contribuição à crítica da economia política. Ora, sendo a educação uma mercadoria, do ponto de vista do capital, esta será oferecida minimamente à classe trabalhadora e, mesmo assim,

objetivando lucro em curto prazo como faz o Banco Mundial em relação ao financiamento da educação em países em desenvolvimento.

No Brasil de acordo com Saviani (2008) havia esperança de mudanças significativas na educação com a posse do governo Lula em 2003. Porém logo nos primeiros meses já se consolidava uma continuidade do governo anterior frustrando as possibilidades de alteração na política educacional. Por isso, foram mantidos as análises críticas e os focos de resistência à dominante política educacional e com possibilidades de fortalecimento no novo século, com o agravamento dos problemas educacionais e o aprofundamento das contradições.

Dessa maneira Saviani (2008, p. 451) enfatiza a necessidade de mudanças sociais profundas e diz que nesse contexto:

seria bem vinda a reorganização do movimento dos educadores que permitisse, a par do aprofundamento da análise da situação, arregimentar forças para uma grande mobilização nacional capaz de traduzir em propostas concretas a defesa de uma educação pública de qualidade acessível a toda a população brasileira.

Nessa ótica, é possível perceber o quanto as pesquisas com aporte das categorias trabalho e dialética, são temas indispensáveis para pensar e agir criticamente almejando a transformação qualitativa da Educação Brasileira na perspectiva da emancipação humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, para se compreender esta realidade é necessário investiga-la e com um método adequado como demonstra Rochabrún, sobre a pesquisa que não pode apenas tomar o objeto por fora e sim dentro da luta de classes.

no hay método que pueda traerse por afuera del contenido para “aplicárselo”, no hay teoría por afuera de la historia, no hay conocimiento históricamente significativo por afuera de las clases y sus luchas. En ese sentido, para Marx y el marxismo el capitalismo no es como dijimos, un “objeto de estudio”, sino un campo de lucha. (1974, p. 24).

Por isso, seguindo o autor é possível compreender a importância da pauta da luta de classes na sociedade atual e, reavivá-la em um momento de grandes investidas do conservadorismo capitalista é lançar luz na escuridão e, no caso da educação é desalojar o neoliberalismo e suas facetas ocultas do poder, pois, os liberais tendem ao conservadorismo e não a mudanças significativas.

Analisar o trabalho é pensar na possibilidade de emancipação, a luta de classes é contraditória e por isso mesmo abriga o germen da transformação em seu núcleo. É possível vislumbrar no mundo do trabalho formas de mudanças para melhorar a vida dos homens na sociedade, cada vez mais nota-se que mesmo em suas múltiplas faces o capital alterna sucessos e crises e, seus melhores resultados advêm da exploração do trabalho humano.

Por fim, isso parece ser um sinal de esgotamento quando o capital apela para a retirada de direitos sociais para gerar mais lucros e com isso acentua a luta de classes e talvez desperte para a desalienação da massa de trabalhadores, num processo de reconhecimento da exploração a que são submetidos todos os trabalhadores e usurpados do produto de seu próprio trabalho. A contradição existente no modo de produção poderá ser sua própria destruição e, a educação o melhor processo para alcançar a consciência crítica necessária para um mundo mais humano e igualitário. É urgente romper com a escola que prepara para a exploração e sim lutar por uma escola que prepare para a vida, especialmente para a emancipação humana.

## **REFERÊNCIAS**

BIDET, Jacques. **Explicação e reconstrução do Capital**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

COSTA NETO, P. L. **Sobre as relações entre filosofia e economia em Dialética do Concreto de Karel Kosik**. In: VII Colóquio Nacional Marx e Engels, 2012, Campinas. Anais do VII Colóquio Nacional Marx e Engels. Campinas: Cemarx - Unicamp, 2012. v. 1. p. 1-9.

COSTA NETO, P. L. **Educação e Qualificação da Força de Trabalho no Capitalismo Contemporâneo: Aspectos Contraditórios**. In: VIII Seminário Pedagogia em Debates e III Colóquio Nacional de Formação de Professores, 2008.

COSTA NETO, P. L. **História e Emancipação nos Grundrisse**. In: V Colóquio Internacional Marx e Engels, 2007, Campinas. V Colóquio Internacional Marx e Engels. Campinas: Unicamp, 2007. v. 1. p. 1-10.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere: Vol II**: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

- KUENZER, Acácia Zeneida. **Pedagogia da Fábrica**. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.
- LESSA, S. Serviço Social e trabalho: do que se trata? Temporalis, Brasília 2000
- MARX, Karl. **O Capital**, v. I liv.1º, São Paulo: Abril Cultural, 1983
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MARX, Karl. **O Capital**. Edição condensada por Gabriel Deville. 3ª edição. São Paulo: Edipro, 2013.
- MARX, Karl. **O Capital; Os Economistas**. Volume 1. 2ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo/ Campinas: Boitempo/ EdUNICAMP, 2002.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- ROCHABRÚN, Guillermo. **La Metodologia em el Positivismo y em el marxismo**. Diciembre de 1974. Série: ensayos, nº 1.
- SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2ª edição. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.
- TUMOLO, P. S. **Educação e hegemonia no Brasil**. 2005. Educação e Sociedade, 29 n. 102 Campinas, jan.?abril.2008, p. 1-11